



1) Encontramos nos trechos de Berkeley e Quine duas posições distintas sobre o estatuto da experiência. Ainda que ambos os autores partam de uma mesma desconfiança da relação que ideias ou conceitos teriam com seus supostos objetos, essa desconfiança será levada para caminhos bem diferentes.

Berkeley, como um filósofo que se insere na tradição empirista, concebe que as ideias que temos são frutos de nossas percepções. Isso implica que as nossas sensações são a fonte do nosso conhecimento sobre a realidade. Ele radicaliza essa posição ao afirmar a realidade das ideias e pôr sob suspeita a ~~ide~~ teoria de que as ideias se referem a algum objeto externo para além de nossas percepções. Berkeley acredita ser impossível afirmar a existência desses objetos pois as ideias que experimentamos e temos apenas se referem a outras ideias. Para fundamentar essa referência externa seria necessário apontar essa relação. O problema para o filósofo é que como nossa percepção produz ideias, qualquer objeto outro que ^é percebido acaba sendo outra ideia e no caso de algo não percebido teríamos que afirmar a semelhança com algo que nem mesmo é identificável. Essa atenção à realidade das ideias caracteriza o idealismo de Berkeley e seu ceticismo ~~com~~ a hipótese de objetos que existem para além da percepção.

Encontramos em Quine, uma posição de partida bem semelhante. Ela também afirma a dificuldade de embasar a relação entre conceitos e objetos físicos. Diferente de Berkeley, porém, não lhe interessa permanecer no ceticismo que decorre do idealismo berkeleyano. Admitindo o caráter mítico (hipotético) do objeto físico (ou seja da referência), Quine acredita que a eficácia ~~prática~~ da prática científica observada na maneira como ele manipula a realidade é justificativa suficiente.

Este filósofo tem, portanto, uma posição que podemos qualificar como pragmática, visto que o valor da hipótese estaria na efetividade da sua prática e não na nossa capacidade de embasá-la cientificamente.

O que se pode observar a partir da análise desses dois autores é que eles divergem no critério que justificam as suas posições ainda que identifiquem as mesmas dificuldades. Nenhum deles acredita ser possível justificar epistemologicamente a relação entre uma ideia e sua referência. Divergem, portanto, pois para Berkeley essa impossibilidade de justificar a relação põe sob suspeita a existência de entidades para além da percepção. Para Quine, por outro lado, o sucesso de prática científica mostra que a justificativa epistemológica é irrelevante, passando a se apoiar em um critério pragmático para justificar a hipótese dos objetos físicos.

2) A tese popperiana apresentada afirma a importância de ter como orientação para a prática científica uma separação entre valores puramente científicos e extra-científicos. É seguro dizer que a maior parte das ciências atuais se organiza a partir dessa posição, procurando evitar a contaminação de valores ou ideologias no procedimento científico (contaminação que vemos na teoria de Resign Inteligente). O que gostaríamos de fazer aqui, porém, é problematizar essa posição popperiana a partir do investimento de Foucault sobre o nascimento das ciências humanas.

Foucault desenvolve em "As palavras e as coisas" a ideia que o saber e os objetos do saber de uma época são produtos de uma episteme. A episteme, segundo o autor, seria o conjunto de regras e práticas que organizam e determinam o que é conhecimento em determinada época. Nessa forma, se no renascimento um saber organizado pela semelhança (daí a força da astrologia que encontrava relações de semelhança em outros valores)



uma idade clássica (início da modernidade) e saber passa a ser organizado a partir da representação (o que interessa são abstrações como encontramos na física newtoniana). Segundo Foucault, portanto, com Kant vemos uma nova episteme em que o próprio homem (enquanto sujeito de conhecimento) é fonte do saber e condiciona aquilo que ele experimenta. Enquanto sujeito, o homem passa a ser a fonte de normatividade do saber. A partir desse momento (toma-se a influência de Kant) o conhecimento passa a ser limitado pelas capacidades do sujeito transcendental. A premissa e tese popperiana parece seguir dessa episteme, pois parte da necessidade de explorar e distinguir o científico/cognoscível do não científico. O problema que surge é que nessa episteme o homem vive outra coisa. Ele não é mais apenas um objeto empírico como qualquer outro, ele é um objeto empírico que pode normatizar os limites do saber. É por isso que Foucault de direita verá o homem nesse ponto como um duplo empírico-transcendental. Se isso não afeta, a princípio, as outras áreas do saber (algo questionado atualmente por autores como Bruno Latour), torna-se necessário o surgimento de um campo de ciências que lida com esse duplo caráter do humano. Um objeto no mesmo tempo é historicamente constituído ele é fonte das representações que condicionam o mundo empírico pelo seu caráter normativo.

O que é problemático na universalidade da tese popperiana é que ela não dá conta desse duplo caráter, algo que fica evidente na execução de antropologia. Se pegamos a teoria do parentesco clássico de Lewis Morgan, buscava-se investigar as variações das relações de parentesco em diversas sociedades. O que ignoramos a partir de antropólogos como Lévi-Strauss, Marcel Mauss e Viveiros de Castro, é que essas descrições não são neutras. O que se identifica como parentesco depende da cultura e do regime de parentesco em que o está inserido. Não há possibilidade de excluir o extra-científico pois o objeto estudado é normatizante. É por essa razão que vemos na antropologia atual uma transformação que procura deixar exposta justamente a normatividade e valoração que orienta o sujeito para que seus objetos de estudos não sejam compreendidos a partir das suas próprias normas.



3) A posição de Adorno ~~para~~ sobre o conhecimento pode ser compreendida a partir de dois passos. Primeiramente podemos identificar ali uma crítica daqueles que reduzem a experiência do conhecimento a uma simples adequação que limita o conhecimento a partir de um modelo prévio hipostasiado. O segundo passo é a defesa de uma reflexão sobre o conhecimento que seja dialética, ou seja, que retire os critérios a partir do ~~o~~ confronto os próprios objetos de experiência. Isso não significa que Adorno propõe um conhecimento imediato das coisas. Se sua proposta é um conhecimento dialético é porque o objeto teria capacidade de demonstrar insuficiências do quadro conceitual que foi utilizado para dar conta dessa experiência. O conhecimento produtivo parece então ser um ~~que~~ em que há uma mobilidade nas normas próprias práticas de conhecimento ~~de~~ diante do objeto de experiência. Não há, pois, qualquer desejo de us ~~acessa~~ imediata. É possível oferecer uma confirmação histórica dessa posição de Adorno se a complementamos com as ideias de Kuhn sobre a história das ciências.

No acordo com Kuhn encontramos dois tipos de atividades científicas: ciências paradigmáticas e ciências normais. As primeiras, paradigmáticas, são aquelas que produzem uma transformação no campo da ciência ao dissolverem um problema que estruturava a pesquisa científica e, em sua dissolução, instaurarem um novo campo de questões. Como exemplo desse tipo de prática podemos mencionar Einstein. Se ele praticou ciência paradigmática é porque para resolver o problema do éter que ocupava a física no século XIX, Einstein acabou desenvolvendo a teoria da relatividade que ao mesmo tempo dissolvia a sua questão original (não havia éter), abriu um novo campo de problemas para a física. Isso nos leva à ciência normal, pois ela é justamente a pesquisa que se desenvolve ao ~~estende~~ estender um paradigma que estrutura um campo da ciência. É importante notar — e aqui nos aproximamos de Adorno — que não é possível estabelecer uma superioridade.

Entre os tipos de ciência, se é a ciência paradigmática que faz a ciência avançar qualitativamente isso ocorre no momento em que uma atividade normal (lembramos de Einstein e seu desejo de desenvolver o ~~prato~~ paradigma do átomo) dissolve o paradigma que a orientava.

O conhecimento — no caso a história das ciências — se organiza de maneira dialética. Os quadros conceituais não são hipostasiados e é a sua própria mobilidade que faz com que a ciência avance. É possível então dizer que a posição de Adorno, que implica um jogo dialético entre sujeito e objeto de conhecimento, se encontra confirmada no próprio desenvolvimento das ciências tal como elaborado por Kuhn.